

EDITORIAL – História, poderes, relações de gênero e subjetividade

O dossiê *História, poderes, relações de gênero e subjetividades* apresenta as múltiplas dimensões sobre o campo das pesquisas e o entrelaçamento das análises. A interrelação entre as relações de gênero e subjetividades, se ampara nas concepções constitutivas das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos quanto uma maneira primária de significar relações de poder. O processo de construção das relações de gênero é histórico, sublima um imbricamento de procedimentos metodológicos, que ora dialogam sobre as correlações de força, circunscritos nas relações de poder, ora na constituição das subjetividades em cada grupo cultural.

As diferenciações entre os gêneros são diversas, sendo formuladas e reformuladas na dinâmica social, impetrando as formas de superação de diferentes sujeitos históricos. Em diferentes espaços sociais, homens e mulheres estão numa correlação de forças, imersas num cotidiano de tensões e superações, de dores e amores, em que se relacionam as estratégias de dominação e de um modelo patriarcal, que demarca as trajetórias, principalmente de sujeitos subalternos.

Assim, as pesquisas que versam sobre as diferenças, as trajetórias, as subjetividades femininas e masculinas, constituem-se em tarefas primordiais, para compreender as relações de gênero. Mostrar a polissemia de ações, que buscam as inserções e as estratégias de dominação podem vislumbrar outros horizontes sobre o ‘empoderamento’ das diferenças culturais e das subjetividades.

Nesse sentido, quando aprofundamos nossas análises sobre o estudo dos discursos e das práticas que versam sobre as relações de poder e as definições de papéis sociais, buscamos superar as desigualdades, permitir que as vozes dissonantes na sociedade possam ser respeitadas. Para que possamos superar as diferentes formas de violência, bem como identificar e demarcar as lutas cotidianas, que figuram nas trajetórias históricas.

O presente dossiê surgiu dos diálogos e de experiências de pesquisa sobre as interrelações entre as áreas de conhecimento das Ciências Humanas, principalmente no campo histórico que se debruçam a investigar as relações de gênero, as subjetividades. Deslocar as relações de gênero, do silenciamento para a centralidade na sociedade imprime a este dossiê seu caráter plural, diverso, fluído e questionador. Entram em cena as tramas, as cenas cotidianas, as lutas pelos direitos, demarcando espaço e lugar de ‘fala’ para cada grupo cultural. O resultado são os seis instigantes artigos que integram essa edição.

Em “As relações de gênero sob o olhar da câmara inocente: imagens e representações do homem e da mulher no Diário de Pernambuco da década de 1920”, Tercio de Lima Amaral e Alcileide Cabral do Nascimento utilizam as imagens do Diário de Pernambuco, especificamente do suplemento *Magazine* editado entre 1924 e 1925, para compreender as formas pelas quais as representações das mulheres eram dadas e reproduzidas. Ao refletir sobre a modernização das técnicas e os avanços e mudanças na imprensa, a autora e o autor compreendem as permanências nas imagens e falas sobre o feminino. A modernização nem sempre é sinônimo de avanço no que tange aos discursos de poder entre os gêneros.

Tânia Zimmermann e Márcia Maria de Medeiros apresentam a discussão sobre as relações de gênero a partir do filme “Selva Trágica” de 1963, dirigido por Roberto Farias a partir do romance homônimo de Hernani Donato, que aborda o cotidiano experienciado pelos trabalhadores rurais de cultivo de erva mate no Mato Grosso do Sul. A passividade das mulheres surge como única estratégia de sobrevivência em meio à aridez e brutalidade do universo tipicamente masculino mostrado no filme sobre a realidade desses trabalhadores.

Josimar Faria Duarte nos apresenta as “Representações da corporeidade e do gênero masculino na revista *Men’s Health*” na qual o corpo hipertrofiado dos homens surge como uma

definição identitária dos sentidos de ser masculino, viril e potente. Os prazeres do homem perpassariam os significados e efeitos de uma estilização corpórea que apenas adquire nexo no músculo malhado e no corpo “sarado”. Corpos que agora não se escondem, mas igualmente se submetem as normas, a ordem e as possíveis patologias sociais.

O controle da norma, dos corpos e dos gêneros. Na centralidade da discussão das relações de gênero está a noção de poder. E assim chegamos ao terceiro artigo “A polícia dos costumes: medicina, higienismo e controle da sexualidade infantil no quarto final do século XIX”, de Emerson Benedito Ferreira que discute o termo onanismo usado nas teses médicas da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia e no periódico “A Mãe de Família” entre 1834-1897. Onanismo é tratado como uma prática que traria a degeneração dos corpos e enfermidade. Nesse sentido, o controle da sexualidade das crianças e adolescentes se mostra tarefa urgente para sanear os corpos dos jovens. O controle dos corpos, da sexualidade e dos prazeres em nome da “saúde” social e moral da sociedade.

Nas falas, representações e construções sociais normativas encontramos a balança das desigualdades e dos jogos de força entre os gêneros. E assim “Discursos sobre a masculinidade: o ‘novo homem’ na revista Playboy”, de Douglas Josiel Voks, mostra como se operou, na década de 1980, a construção de uma “nova masculinidade” a partir das páginas da revista mundialmente conhecida voltada para o público masculino. O novo pertence a um discurso de um determinado tipo de atitude, corpo, comportamento e formas de pensar.

E, para fechar o dossiê, apresentamos o artigo de Tiago Duque: “ ‘Lá não tem gay’: fronteira e relações de vizinhança envolvendo gêneros dissidentes e sexualidades disparatadas em Corumbá (MS)”, que discute e reflete sobre o ordenamento social dos gêneros dissidentes e as sexualidades disparatadas e as questões de fronteira e vizinhança na região da fronteira Brasil/Bolívia. Na busca e nos encontros e desencontros afetivos-sexuais entre os homens nas salas de bate-papo as normas e convenções sociais morais impõe o seu jogo das marcações sociais da diferença criando hierarquias e estratégias de sobrevivência nas experiências das populações fronteiriças.

Os resultados do intercâmbio de pesquisas e o aprofundamento das discussões sobre as relações de gênero apontam no sentido das forças de manutenção das normas e nas formas políticas de resistência e fragmentação da ordem. Se todo pessoal é político, os estudos das relações de gênero ocupam também esse espaço de resistência provocativa. Esperamos que esse dossiê cumpra essa função, fundamental para as mudanças históricas e sociais.

Integram, ainda, a edição 40 de *Mneme*, na seção de *Artigos*, manuscritos de autoria de Leandro Almeida dos Santos, Azemar dos Santos Júnior e Ana Cláudia Martins dos Santos.

Ana Carolina Eiras Coelho Soares – UFG
Jaqueline Aparecida Martins Zarbato – UFMS
Organizadores do Dossiê História, poderes, relações de gênero e subjetividades